

a minha machadinha - 2
CENTELHA



O Chile não é um conto



UNICEPE
LIVRARIA-DISCOTECA
Praça Carlos Alberto, 122-A - Telef. 310660 e 318109
PORTO



Para ler em grupo — Dos doze anos em diante

Chile no es un cuento — ROMPAN FILA EDICIONES
BUENOS AIRES — ARGENTINA

Direitos para língua portuguesa — CENTELHA,
PROMOÇÃO DO LIVRO, S.A.R.L.

80.00

O Chile não é um conto

Criação
da equipa de trabalho
da editora «Rompan Fila» — Buenos Aires,
Argentina

Ilustrações — Tabaré
Coordenação — Augusto Bianco
Acessora pedagógica — Mirta Goldberg
Tradução de Cecília Boal e J.A. Salvador

CHILE 1950
LIM COMITO

da equipa de trabalho
de editores e fotógrafos
Argentina

Argentina - Brasil
Assessoria de imprensa - Jornal O Globo
Luz e som de E. A. Zúñiga

I

Ao fim da tarde, quando começavam a acender-se as luzes da aldeia,
e os pescadores punham as redes ao mar,
um grupo de homens juntou-se num lugar afastado da praia.
Fizeram uma fogueira e começaram a discutir.
Eram os representantes de todos os trabalhadores do país.

Ao amanhecer tomaram uma decisão.
Iam convocar uma reunião de todos os trabalhadores, um Congresso Geral,
para encontrar uma solução para os seus problemas.

... Vieram trabalhadores de todo o lado.
Os que trabalhavam e os que não tinham trabalho.
Instalaram-se como puderam entre pedras e searas,
e ocuparam uma extensão tão grande,
que logo deram conta duma coisa muito importante:
Eles eram a **maioria**.

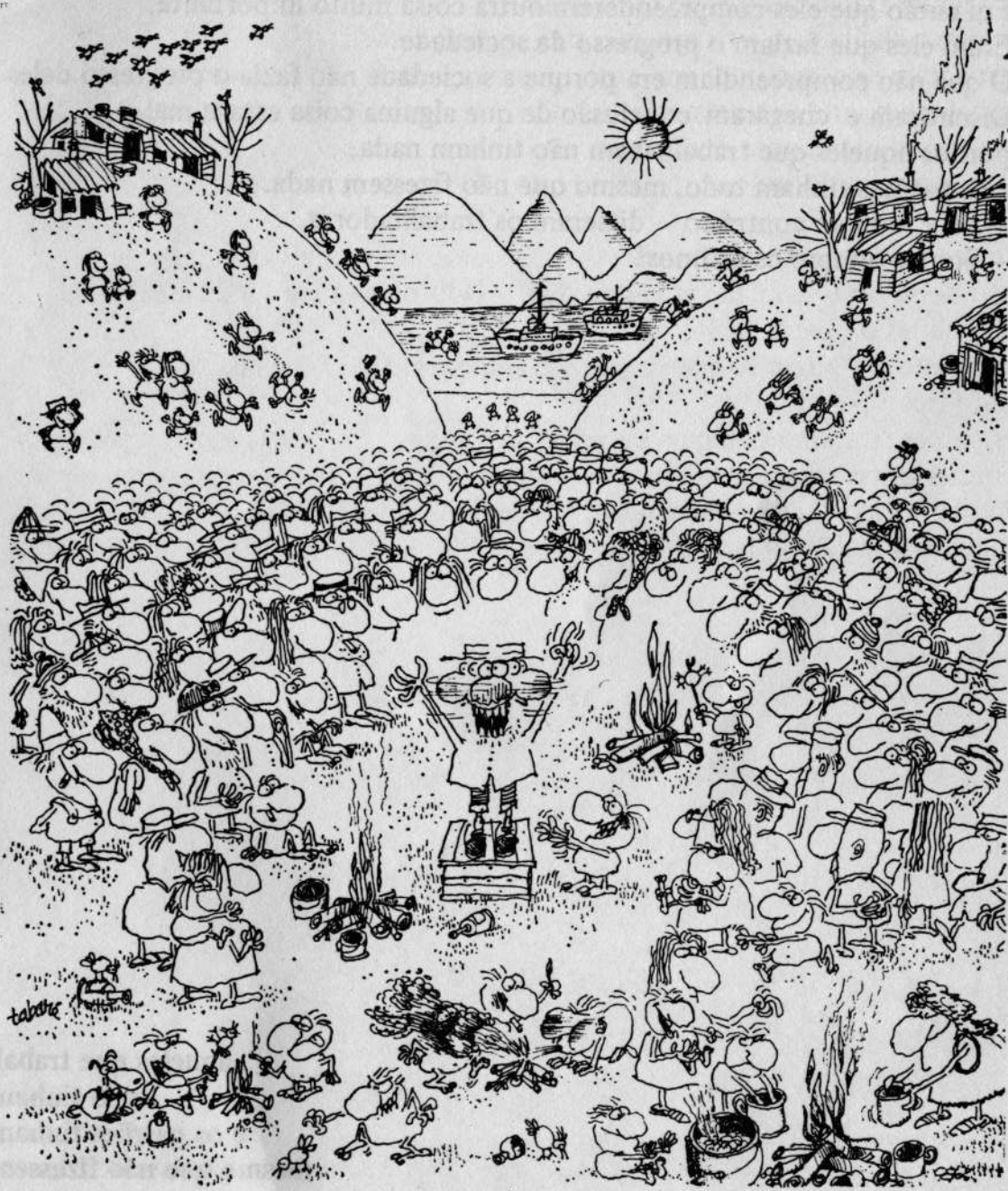
Nesse Congresso, que não deliberava nos palácios mas ao ar livre,
quando se tomou a palavra não se disse «Doutores» nem «Excelência»,
disse-se: «Companheiros!»

Enquanto o Congresso esteve reunido, ninguém foi trabalhar.
Tudo ficou parado.

Os peixes ficaram no mar, o petróleo na terra,
o minério nas montanhas.

Não se fez a colheita nos campos, não se construíram casas,
os comboios não andaram.

Vieram trabalhadores de todo o lado



tabata

Foi então que eles compreenderam outra coisa muito importante:

Eram eles que faziam o progresso da sociedade.

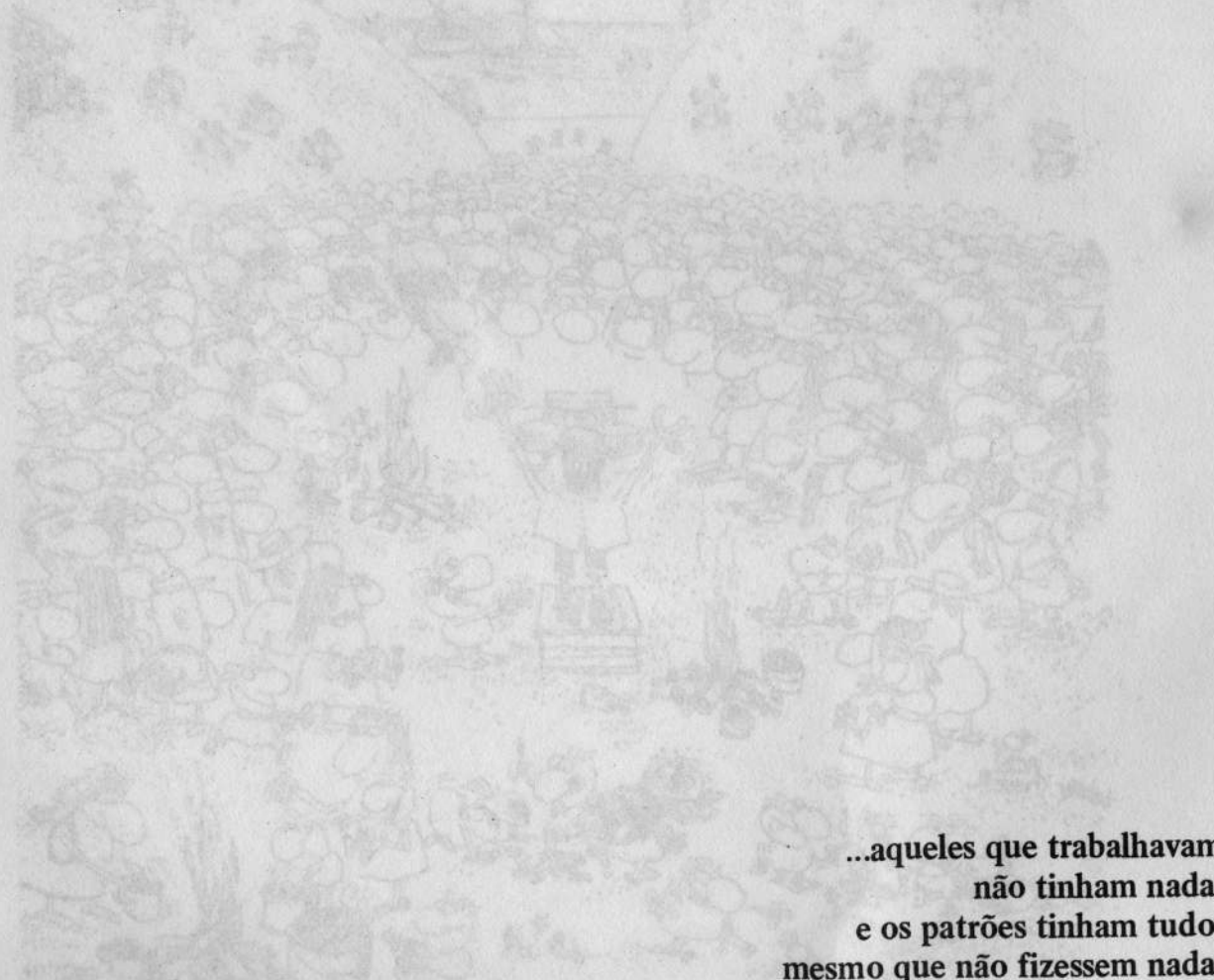
O que não compreendiam era porque a sociedade não fazia o progresso deles...

Discutiram e chegaram conclusão de que alguma coisa estava mal,
porque aqueles que trabalhavam não tinham nada,

e os patrões tinham tudo, mesmo que não fizessem nada.

— Está tudo ao contrário — disseram os trabalhadores.

— Somos sempre os últimos!



**...aqueles que trabalhavam
não tinham nada,
e os patrões tinham tudo,
mesmo que não fizessem nada.**



tabarie

Mas havia alguns que ainda não compreendiam.

– Como é que isto está ao contrário? – diziam – se sempre foi assim, e os meus pais, os meus avós, e todos os meus parentes sempre foram pobres por mais que trabalhassem. Sempre houve uma data de pobres, e sempre houve uns poucos ricos donos de tudo...

– Mas isso está mal, muito mais agora que o mundo tem progredido tanto, e se poderia acabar com a miséria, se não fosse as riquezas produzidas por todos, serem esbanjadas por alguns.

– O que acontece é que este país anda ao contrário, e é preciso virá-lo do avesso!

– Tu estás doido, como vamos voltar o país do avesso?

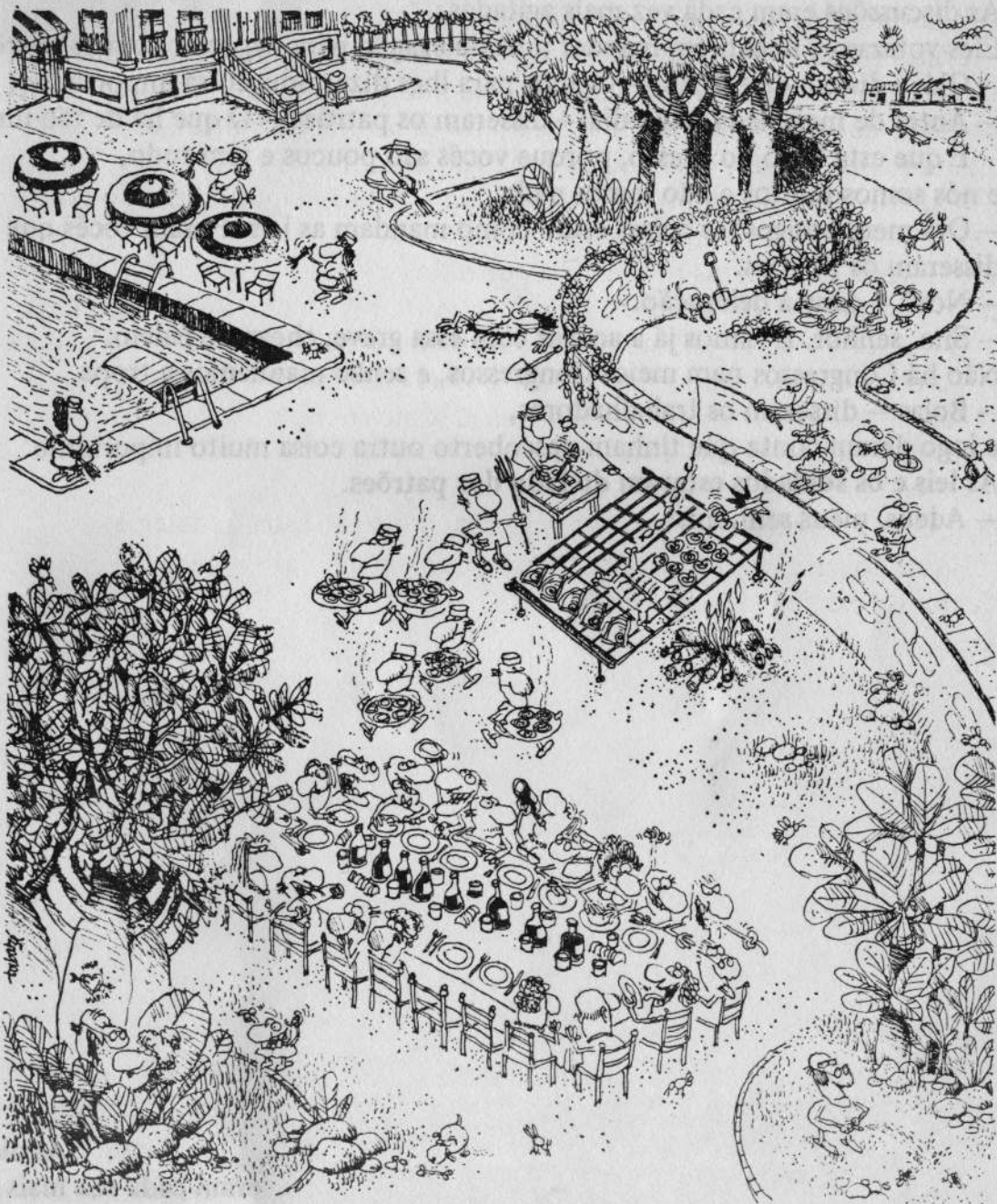
– Ah, eu sózinho não, mas se tu vieres já somos dois, e assim vamos sendo cada vez mais.

– Eu cá por mim acho que devíamos era votar num governo que nos resolvesse estes problemas.

– E que governo vai resolver os nossos problemas?

Temos de resolvê-los nós mesmos, pá!

... as riquezas produzidas por todos,
são esbanjadas por alguns.



As discussões eram cada vez mais agitadas.

Eles votaram e decidiram mandar uma delegação para negociar com os patrões.

– Olá – disse a delegação – Viemos para lhes dizer uma coisa importante.

– Antes de mais nada, bom dia – disseram os patrões – O que há de tão importante?

– É que está tudo do avesso, porque vocês são poucos e têm tudo, e nós somos muitos e não temos nada.

– Ora meus amigos: as coisas estão como mandam as leis. Foram vocês que as votaram! disseram os patrões.

– Nós? – disse a delegação.

– Sim, senhor. E vamos já a acabar com essa greve, chega de paleio.

Não há Congressos nem meios Congressos, e senão mandamos a tropa.

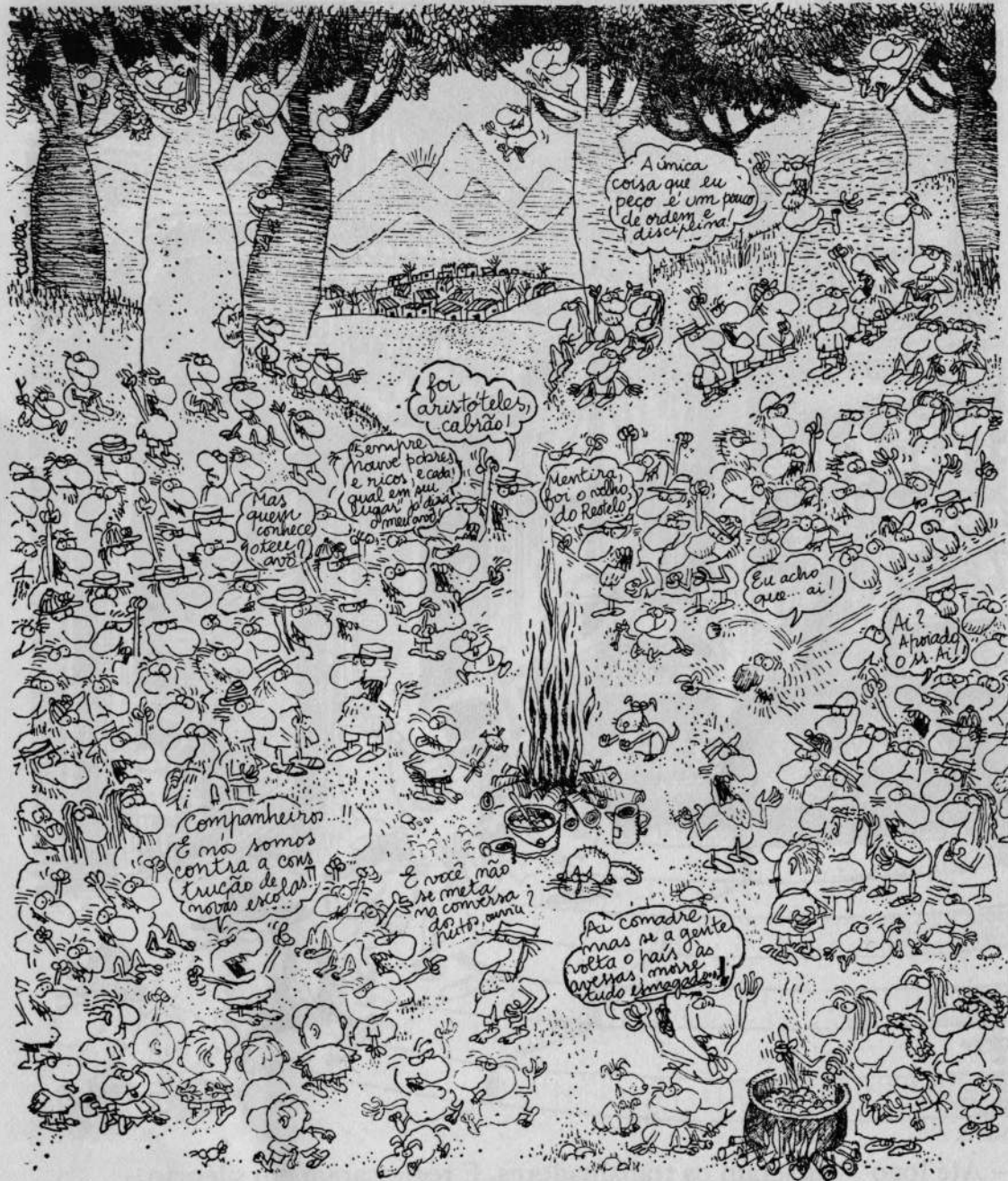
– Bolas – disseram os trabalhadores,

e logo deram conta que tinham descoberto outra coisa muito importante:

As leis e os soldados estavam do lado dos patrões.

– Adeus, meus senhores!

As discussões
eram cada vez mais agitadas



A única coisa que eu peço é um pouco de ordem e disciplina

foi Aristoteles, cabrao!

Sempre nome bobres e ricos e cabra, qual em seu lugar p'deja o melador

Mas quem conhece o tere? avô

Mentira, foi o velho do Rastelo

Eu acho que... ai!

Ai? Arrado o M. Ai!

Companheiros!!! E não somos contra a cons. trução de las novas era...

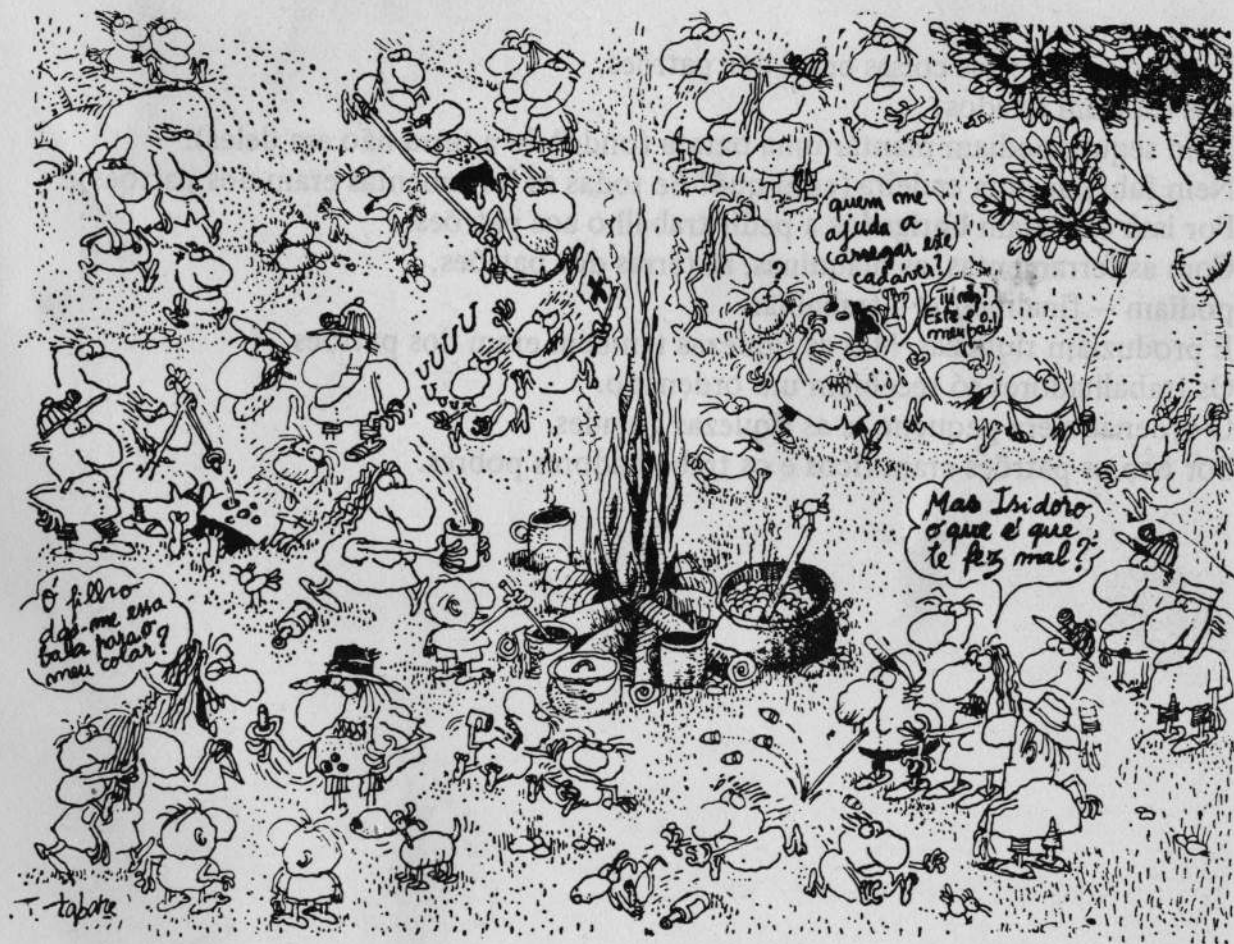
E voce não se metta na conversa do p'etro, ammu

Ai Comadre, mas se a gente volta o país as avchias omms tudo umagedo!



— Até logo — disseram os trabalhadores. E regressaram em silêncio.

Quando chegaram ao Congresso contaram os que os patrões tinham dito.
— Aqui há marosca, companheiros! Qual lei nem meia lei!
Alguns deles indignados deixaram-se levar pela raiva:
— Se nós não podemos viver do trabalho, então vamos roubar!
e partiram para a cidade a roubar os ricos.



Mas logo voltaram com os buracos dos tiros.
Foi outra experiência.
Entretanto, os trabalhadores discutiram tudo o que se estava a passar.

– Vamos trabalhar por nossa conta ! – propuseram alguns.
– Com quê? Aonde? – perguntaram outros.
Eles compreenderam que para poder trabalhar
eram precisos os «meios»:
ferramentas, máquinas, terras, animais.

E como todas estas coisas eram dos patrões,
eles estavam lixados.

Nem sequer podiam plantar uma batata (onde? Se a terra não era deles).

Nem fabricar uma cadeira (com quê? Se todas as ferramentas eram dos patrões).

Por isso eles eram **obrigados** a pedir trabalho aos patrões.

Com as ferramentas, as máquinas, as terras dos patrões,
podiam – finalmente – trabalhar.

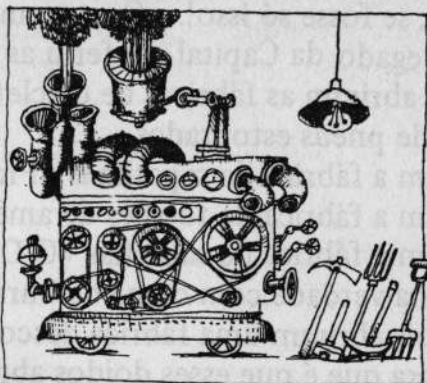
E produziam riquezas. Mas as riquezas também eram dos patrões.

Os trabalhadores só recebiam um ordenado.

O ordenado era pequeno, e as riquezas grandes.

Por isso os patrões eram ricos e os trabalhadores pobres.

MEIOS



TRABALHO



RIQUEZAS



—E que fazem eles com tanta massa? Encostam-se à sombra da bananeira?

— Sim, se fosse só isso!... Quanto mais eles têm mais eles querem! — respondeu um delegado da Capital e referiu as últimas fábricas dos patrões:

— Eles abriram as fábricas de chicletes-balão «Faloça»,
feitos de pneus estourados.

Abriram a fábrica de sapatilhas «Frangueiro», feitas com chicletes usados.

Abriram a fábrica de torrões de amêndoa «O sa-cana», feitos com caroços.

Abriram a fábrica de salsichas «O Curral»,
feitos na verdade com carne de burro.

E depois abriram uma fábrica descomunal de remédios para o estômago.

— E para que é que esses doidos abriram tantas fábricas? — perguntaram os camponeses.

— Porque cada fábrica lhes dá mais massa!

— Mas o que são as fábricas?

— Máquinas...

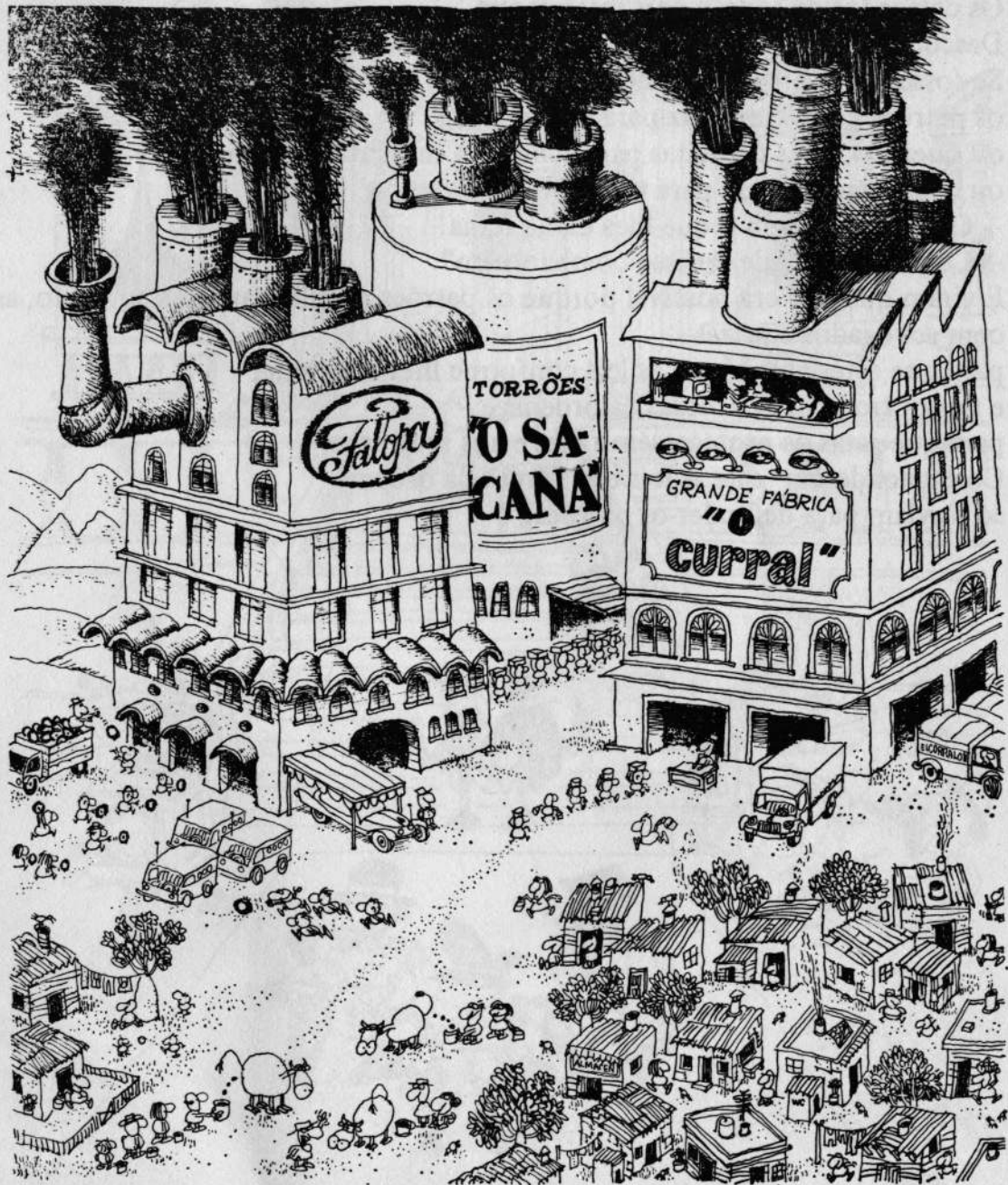
— Então, ganham com as máquinas!

— Não. As máquinas sózinhas não servem para nada. É preciso que haja operários;
os patrões ganham com o trabalho dos operários.

— Ai sim? Eles ganham com o nosso trabalho?

— É verdade, companheiro!

— E para que abriram
tantas fábricas?



Os delegados de todo o país intervieram.

Descobriram que em toda a parte acontecia a mesma coisa.

Se fosse necessário para ganhar dinheiro,

os patrões cortavam a luz para vender velas,

ou queimavam as colheitas para vender as suas latas de conservas,

ou declaravam guerra para vender os canhões.

— Os patrões fazem o que lhes dá na telha!

— Como é que pode ser isso companheiro?

E viram que isto era possível porque os patrões partilhavam, por um lado, as riquezas com advogados e juízes,

para que estes aplicassem as leis conforme lhes convinha,

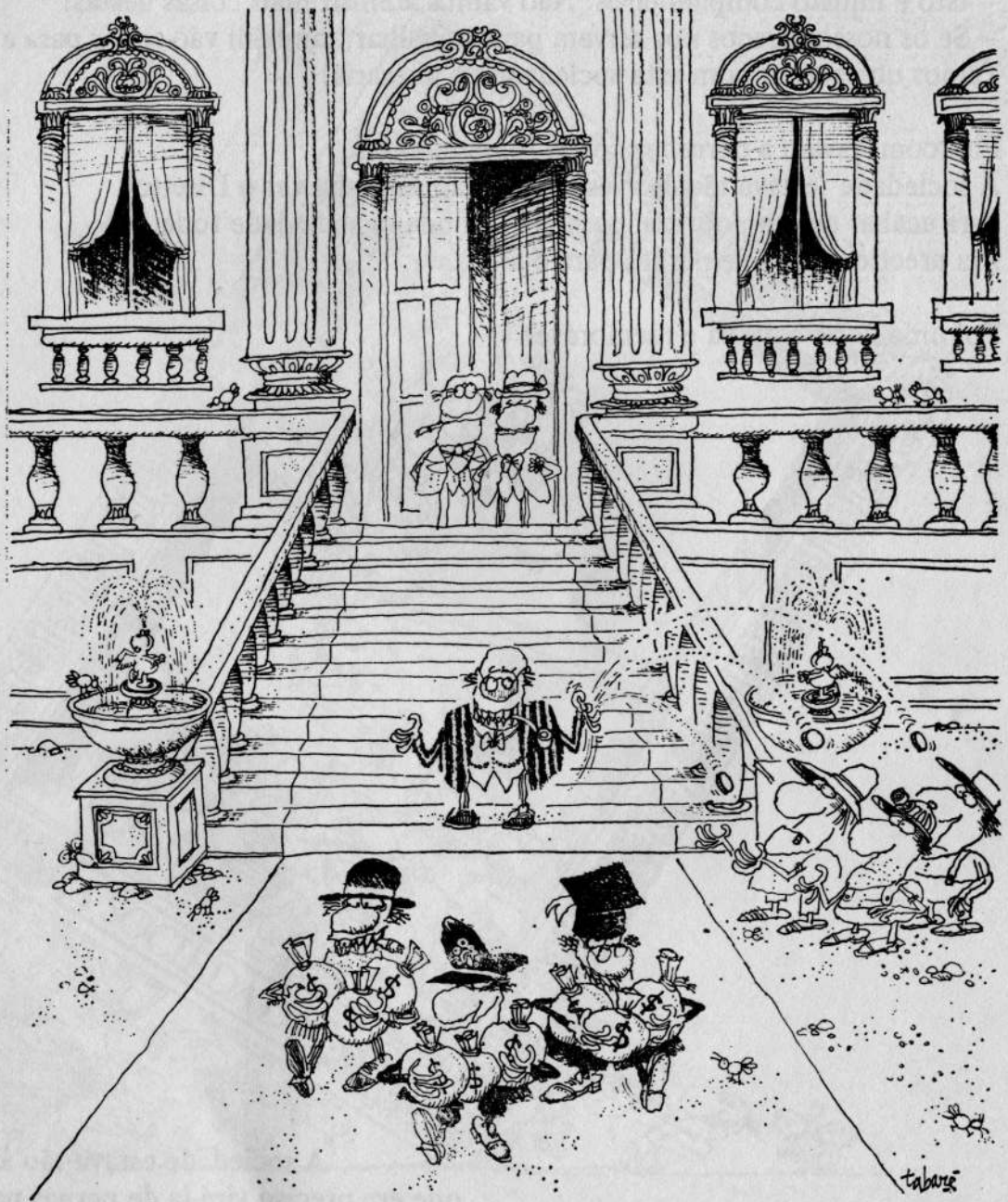
e por outro com as «forças da ordem»,

para que estas os protegessem a eles e aos seus bens,

Compreenderam que as leis e as forças da ordem

só serviam para defender os patrões.

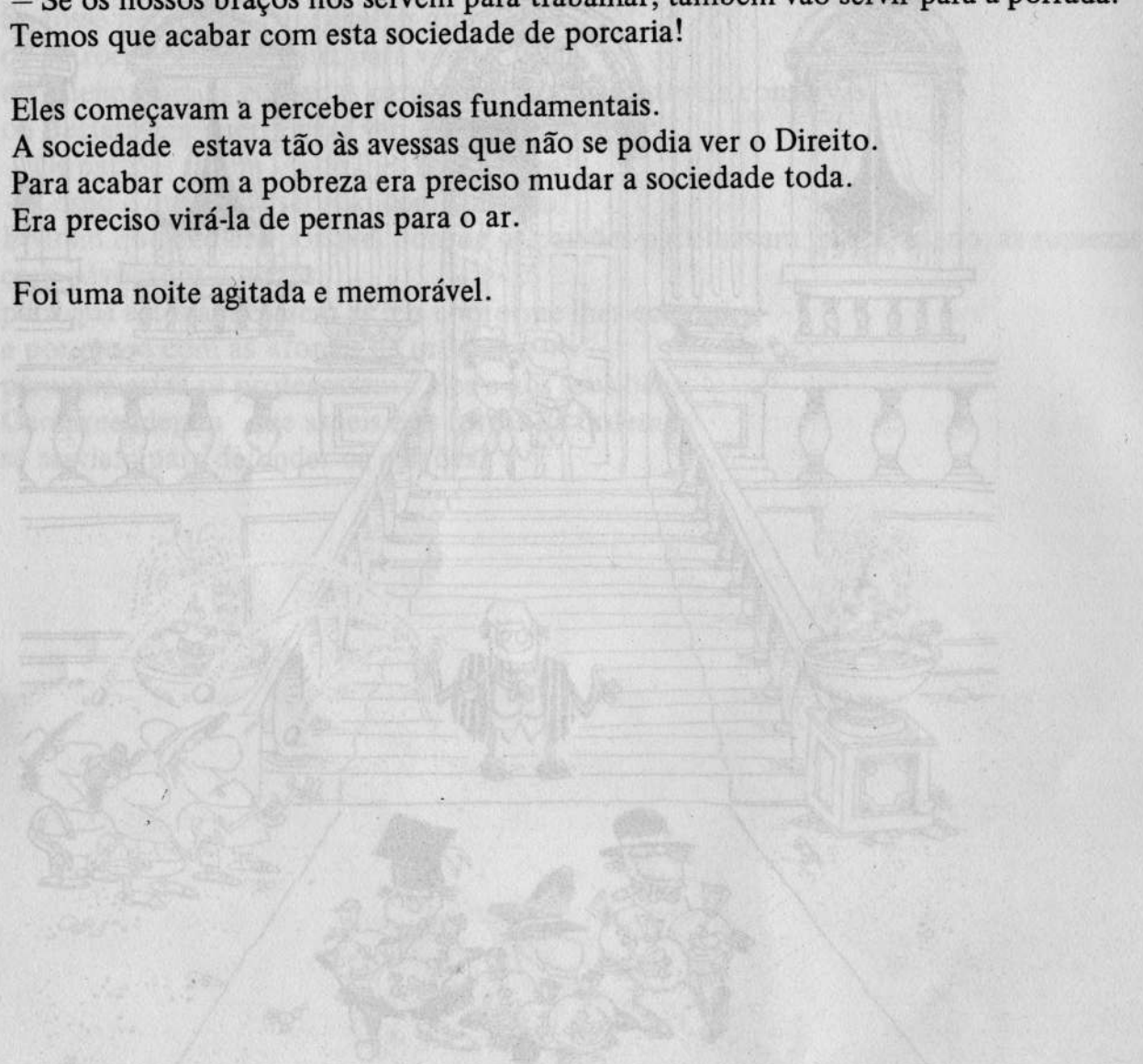




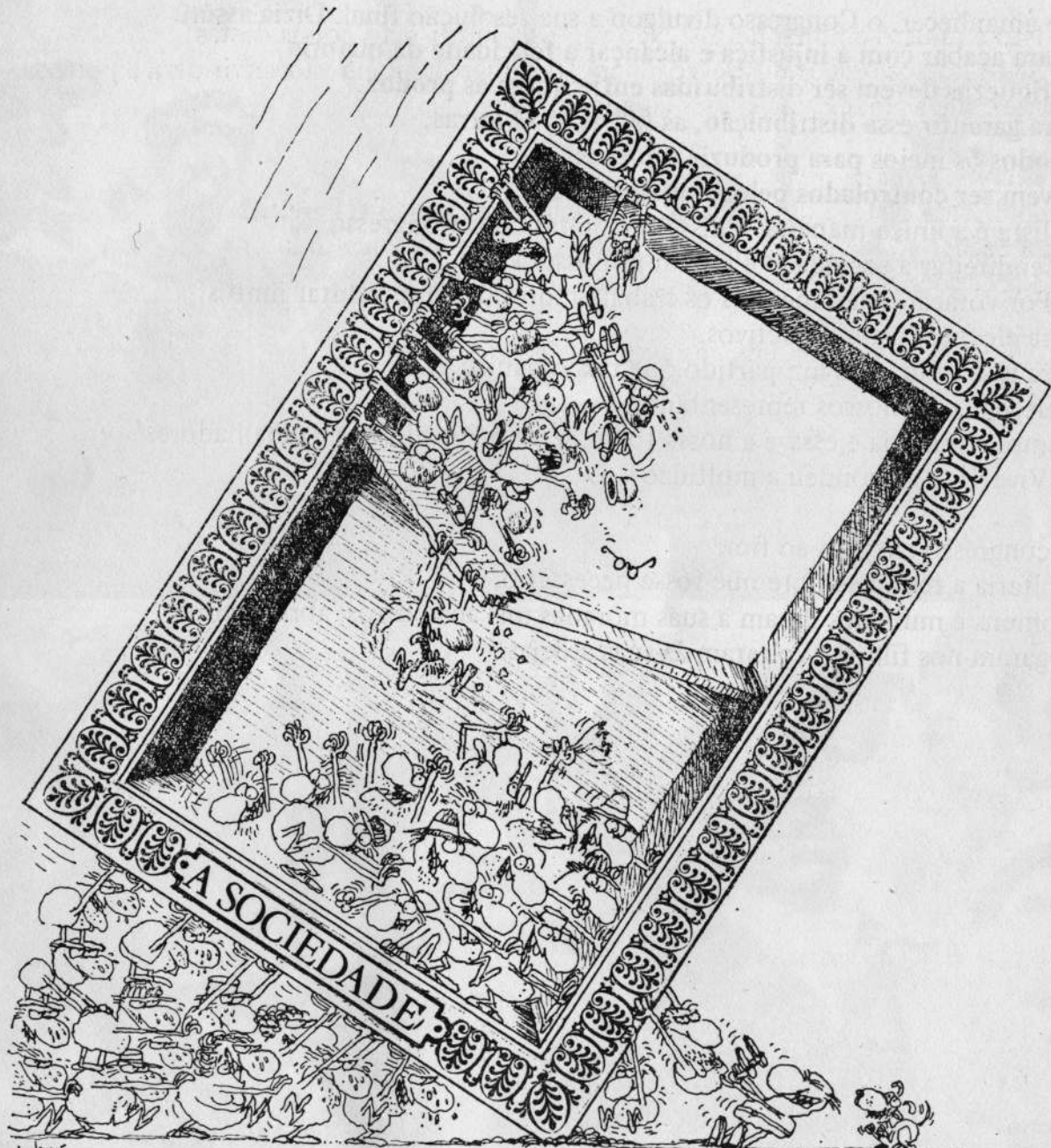
– Isto é injusto companheiros! Não vamos admitir mais coisas destas!
– Se os nossos braços nos servem para trabalhar, também vão servir para a porrada.
Temos que acabar com esta sociedade de porcaria!

Eles começavam a perceber coisas fundamentais.
A sociedade estava tão às avessas que não se podia ver o Direito.
Para acabar com a pobreza era preciso mudar a sociedade toda.
Era preciso virá-la de pernas para o ar.

Foi uma noite agitada e memorável.



A sociedade estava tão às avessas,
que era preciso virá-la de pernas para o ar...



Talpazé

Ao amanhecer, o Congresso divulgou a sua resolução final. Dizia assim:
“Para acabar com a injustiça e alcançar a felicidade da maioria,
as riquezas devem ser distribuídas entre quem as produz.
Para garantir essa distribuição, as fábricas, as terras,
e todos os meios para produzir riquezas,
devem ser controlados pelos trabalhadores”.

— Esta é a única maneira — disse o secretário do Congresso —
de endireitar a sociedade e mudar as nossas vidas.

— Por votação unânime, nós os trabalhadores decidimos lutar juntos
para alcançar estes objectivos.

Para isso fundamos um partido que nos organize,
e elegemos os nossos representantes.

Somos a maioria e essa é a nossa força. Viva o Partido dos Trabalhadores!

— Viva!!! — respondeu a multidão.

O congresso chegava ao fim.

Voltaria a reunir sempre que fosse necessário.

Homens e mulheres deram a suas moradas uns aos outros, abraçaram-se,
pegaram nos filhos e voltaram às suas aldeias.



II

Chegou o período das eleições

– Votem em nós! – diziam os patrões –.

Se nós ganharmos as eleições vamos dar-vos casas muito boas,

e uns empregos bestiais onde ganharão muito dinheiro.

Vocês vão ficar ricos! Vamos dar-vos mundos e fundos.

Este mundo e o outro.

E entretanto, comam estas empadas. Devagar! Que há para todos!

Com palavras, só com palavras (e algumas empadas),

os patrões enganavam os trabalhadores,

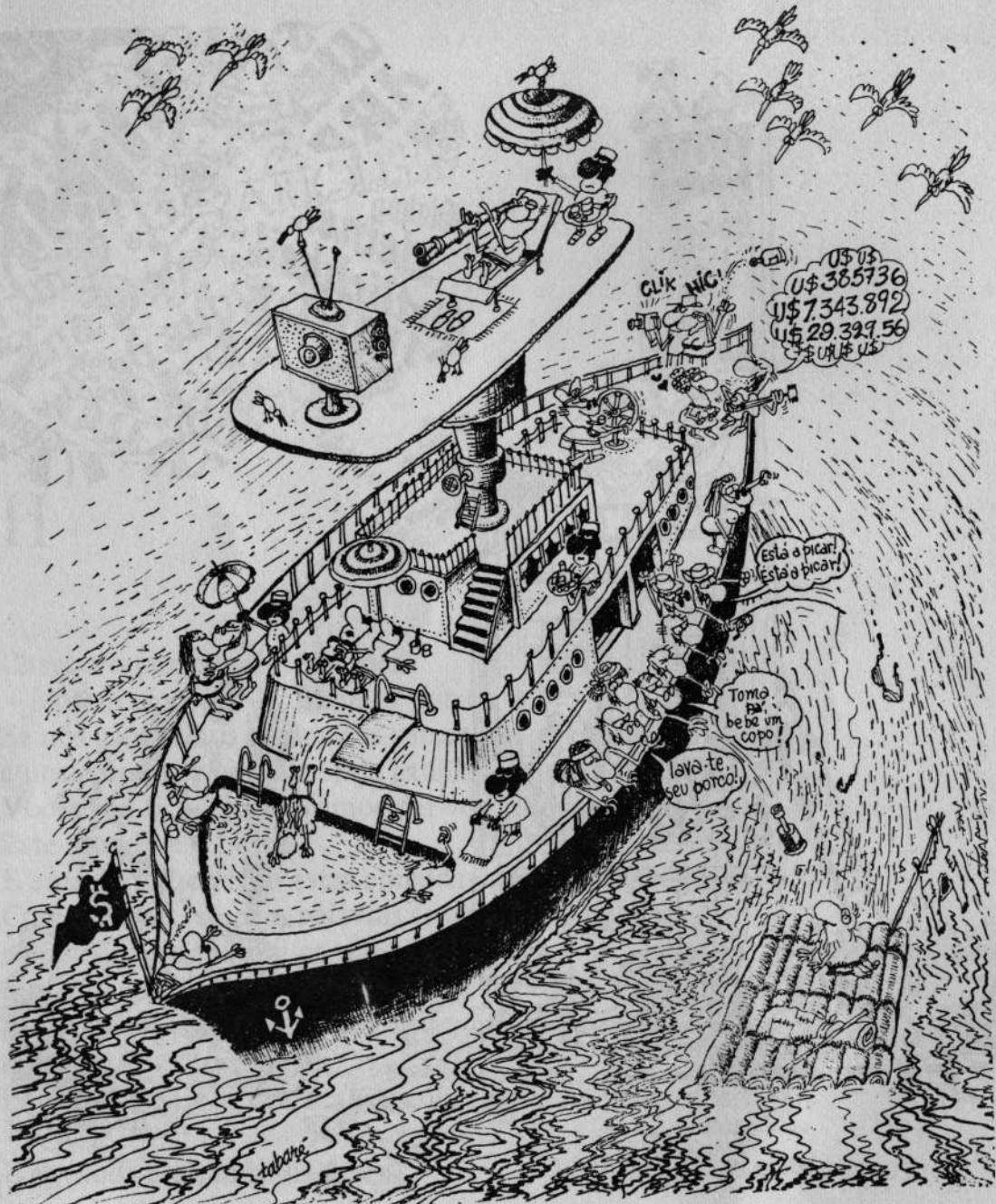
que estavam sempre com fome e nunca tinham podido ir à escola.

Assim, muitos trabalhadores votaram nos patrões,

que ganharam as eleições.

Porém, o Partido dos Trabalhadores teve muitos votos.

E em cada eleição tinha mais.



US\$ 385736
US\$ 7.343.892
US\$ 29.327.56
US
US
US

CLIX NIC

Esta o picari!
Esta o picari!

Toma,
pai,
bebe um
copo!

lava-te,
seu porco!

Tabarelli

O tempo correu.

Os patrões divertiam-se no estrangeiro
onde agora era verão e o sol brilhava.

Atravessavam os mares ao luar,

servidos por criados negros com luvas brancas,
pediam comidas exóticas, bebiam bebidas estranhas,

escolhiam em qual das sete casas de banho do iate

se iam limpar com «Flop», o papel higiénico perfumado «que acaricia».

Andavam pelas nuvens em enormes aviões coloridos com cinemas, camas,

e buracos para jogar golf, bebendo «Whisky»

e fazendo de conta que se divertiam,

(porque tirar a felicidade aos outros também não dá felicidade)

Porém mesmo no mar, na terra ou no ar, os patrões não abandonavam os seus negócios,

e até em sonhos faziam contas e mais contas,

esperando o momento de voltar a receber e a especular com as riquezas.

Quando chegava essa data, tratavam friamente os «subordinados»,

e dirigiam-se ao grande templo da sociedade dos patrões:

O Banco.

Ali numa simples cerimónia

e com grande cuidado para não chorarem uma única moeda,

recebiam o «santíssimo sacramento»: O Dinheiro.

Depois de terem sacado a guita,

e antes de voltarem ao mar,

ou a voar pelos céus do mundo que eles poluíam

iam cumprimentar o Presidente, o sr. Deputado, o Gerente Geral,

o Ministro Plenipotenciário, o General Generalíssimo, o Cardial Cardinalíssimo;

e com muita gentileza trocava generosos desejos de «prosperidade»,

«sucesso», «fortuna» e «feliz ano novo».

Diante do espelho os patrões diziam para eles mesmos:

«Que felicidade! Sou mais rico do que antigamente!»

As caras respondiam — «Que tristeza!»

Mas eles já nem sabiam ver as suas próprias caras.

Andavam daqui para ali, meios perdidos de negócio em negócio.

E entre idas e vindas, um dia aconteceu,

que quando o avião aterrou...

Um estranho silêncio envolvia o aeroporto.

Não havia recepções oficiais, nem o som de tambores e fanfarras,

nem fotografos de revistas mundanas.

Não havia ninguém a recebê-los.

Só lá estava o secretário de um dos patrões.

— Que sucedeu? — perguntaram-lhe.

— O Partido dos Trabalhadores ganhou as eleições!

Os patrões sentiram que desfaleciam.

— Isso é impossível! Então e os militares? — perguntou recompondo-se

o proprietário de 40 bancos,

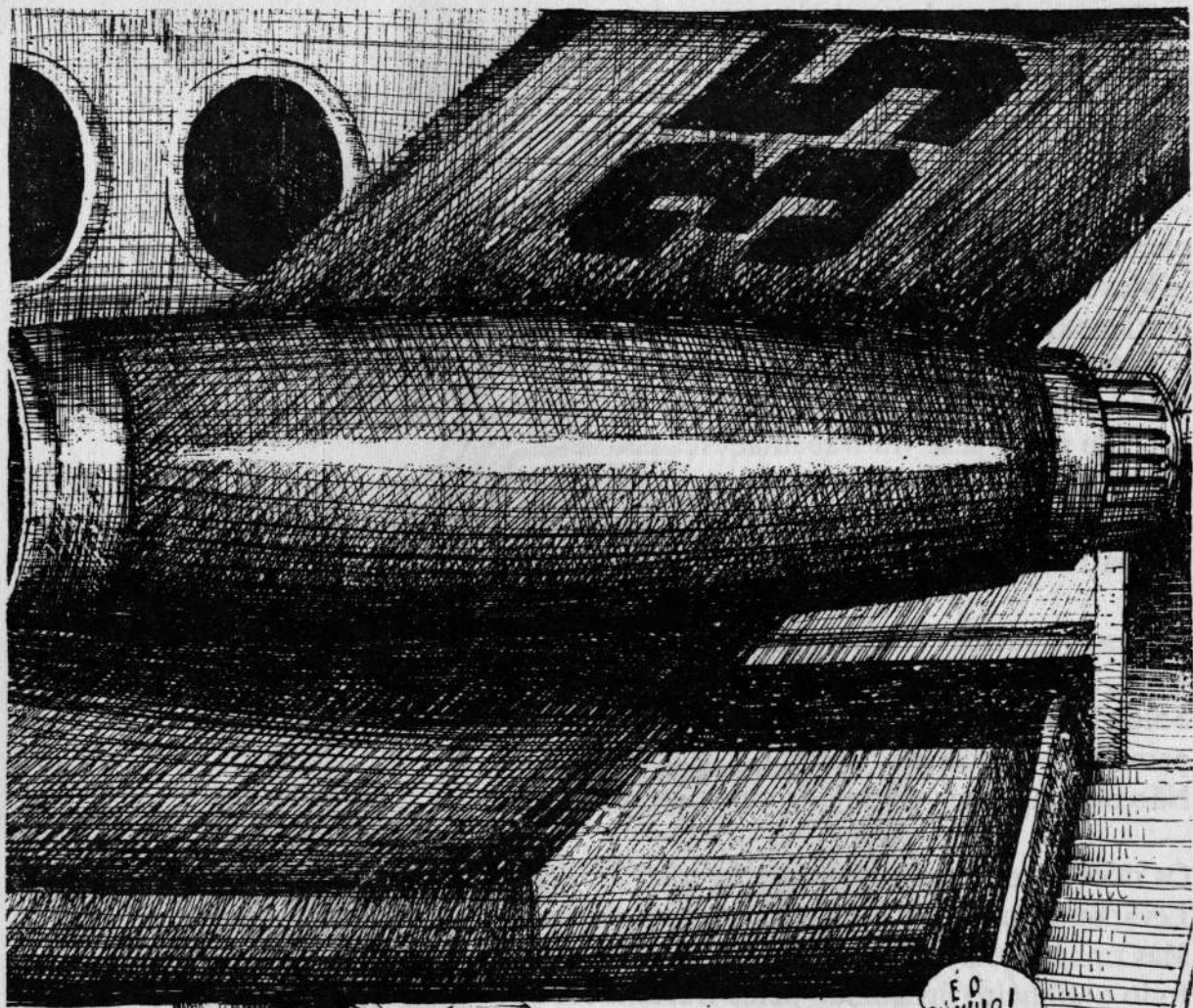
de uma escola para ricos, e uma cadeia de hipódromos, casinos e hotéis,

onde se tinha de pagar até para mijar.

— Por enquanto os militares não se mexem, dizem que há que respeitar a Constituição,

os trabalhadores ganharam sem aldrabices...

Os patrões desfaleceram ainda mais.

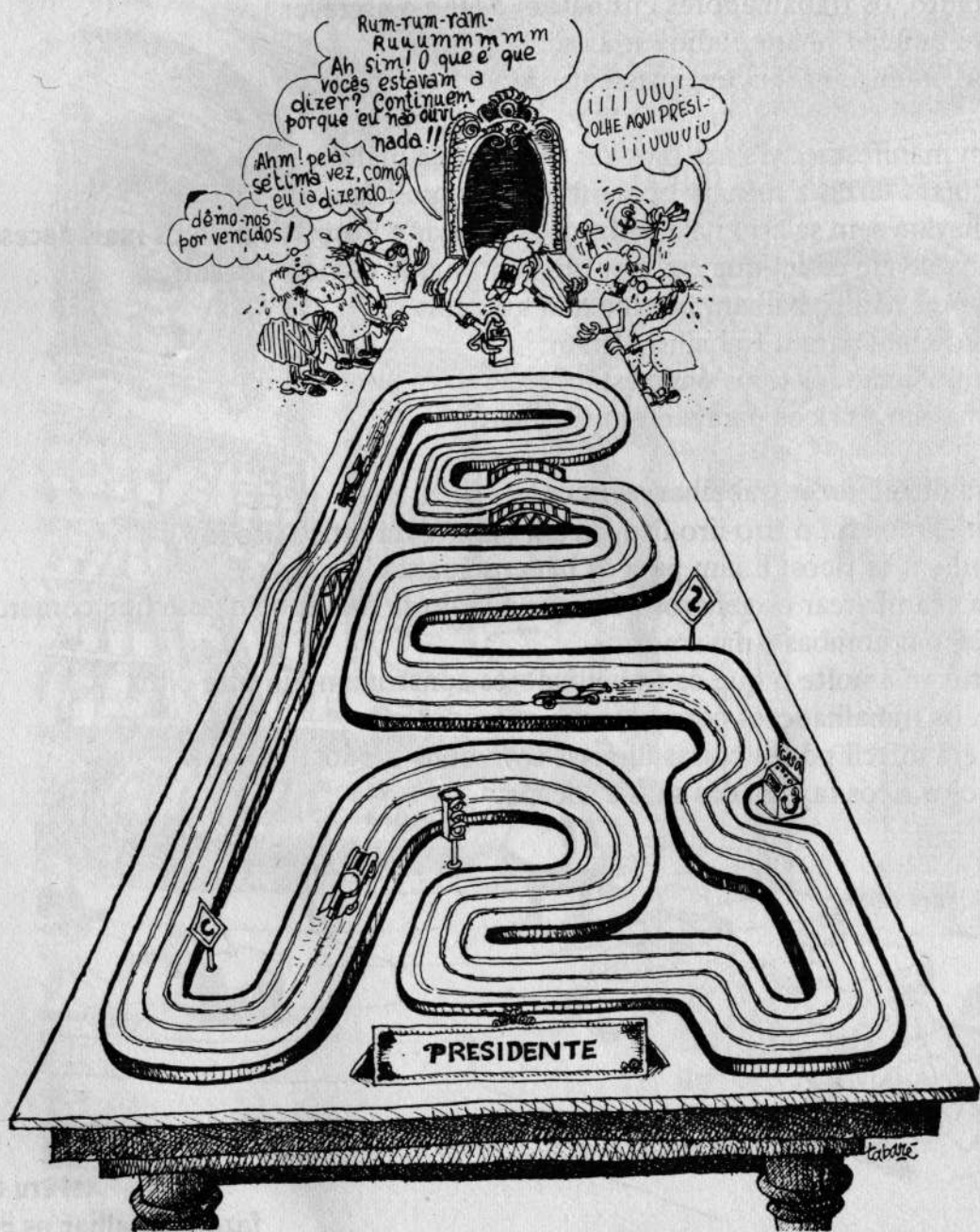


– Mas é o cúmulo! – insistiram as patroas.
– E agora, o que está a acontecer?
– Os trabalhadores estão a fazer novas leis.
– Mas, isso é o cúmulo dos cúmulos!!
– Novas leis para quê?
– Para que os bancos, as fábricas e as terras pertençam a quem trabalha, para que as riquezas sejam distribuídas por quem as produz.
– Mas isso é o cúmulo dos cúmulos dos cúmulos!!!
– Vão expropriar as minas, fábricas e terras...
– Estão doidos! Como podem tocar nas nossas fábricas?!
Onde é que já se viu trabalhadores a mandar nas fábricas?!
– Onde é que já se viu trabalhadores-patrões?!
– Que horror! Que calamidade! – e todos se benzeram.
Separaram-se imediatamente e um grupo de patrões decidiu ir pedir ajuda aos patrões dos países vizinhos.

Porém, os patrões dos países vizinhos tinham problemas semelhantes.
«Sim, mas também. Cedemos uns pides zarolhos.
Soldados sem botas. Porque os tanques precisamos deles para vigiar as nossas fábricas.
Não nos chaguem, porra! Arranjem-se!»

Os ricos desesperados andaram de terra em terra.
Levaram alguns anos a comprar a ajuda de que necessitavam.
Mas tinham muito dinheiro...
todo o dinheiro produzido pelos trabalhadores.

**foram pedir ajuda
aos patrões
dos países vizinhos**



Entretanto, os trabalhadores ensinavam a ler e a escrever aos que nunca tinham podido ir à escola para que nunca mais os enganassem.

Faziam manifestações para mostrar que eram a maioria; distribuíam terras e ferramentas entre os camponeses, trabalhavam sem salário na construção de casas e hospitais para os mais necessitados. Demonstravam assim que era mentira tudo o que os ricos diziam: «os pobres não trabalham porque não querem». E quando iam para o trabalho diziam: «Laranja, limão, os ricos onde estão?» E chamavam os ricos para virem trabalhar.

Mas era difícil fazer trabalhar os ricos.

«Lá em cima está o tiro-liro-liro, cá em baixo está o tiro-liro-ló», respondiam os ricos. E iam para os bancos guardar a massa, ou iam açambarcar os géneros para que a maioria não encontrasse que comer. Ou punham bombas e davam tiros, e destruíam à noite o que os trabalhadores construíam durante o dia. Assim, os trabalhadores começaram a entender como era difícil pôr as coisas direitas com bons modos, quando os ricos faziam das suas à socapa.

... era difícil
fazer trabalhar os ricos...



1907

Entretanto, os patrões que procuravam ajuda chegaram ao país mais rico da terra, e falaram com os patrões de meio mundo.

Estes disseram:

– Nós podemos ajudar-vos, mas... psss, psss, psss... yes?

– Que sacanas! – ouviu-se.

Mas depois:

– yes! Aceitamos! – e apertaram as mãos.

Daqui para a frente os pequenos patrões iriam partilhar as riquezas do seu país com os grandes patrões, que além do mais pretendiam levar a bom preço, algumas coisas que lhes faziam falta, como o cobre, o sal e as lagostas.

III

Com a ajuda recebida os patrões voltaram ao seu país, e subornaram alguns generais.

– Generais!

– Digam! – responderam os generais.

– É preciso derrubar o governo!

– É preciso derrubar o governo! – repetiram os generais.

– É preciso fazer-lhe guerra! – disseram os patrões.

– Soldados! – gritaram os generais.

– Digam! – responderam os soldados.

– É preciso fazer guerra aos trabalhadores!

Os soldados ficaram de boca aberta: caíram-lhes as meias, os capacetes e as espingardas. E negaram-se a lutar contra o povo.

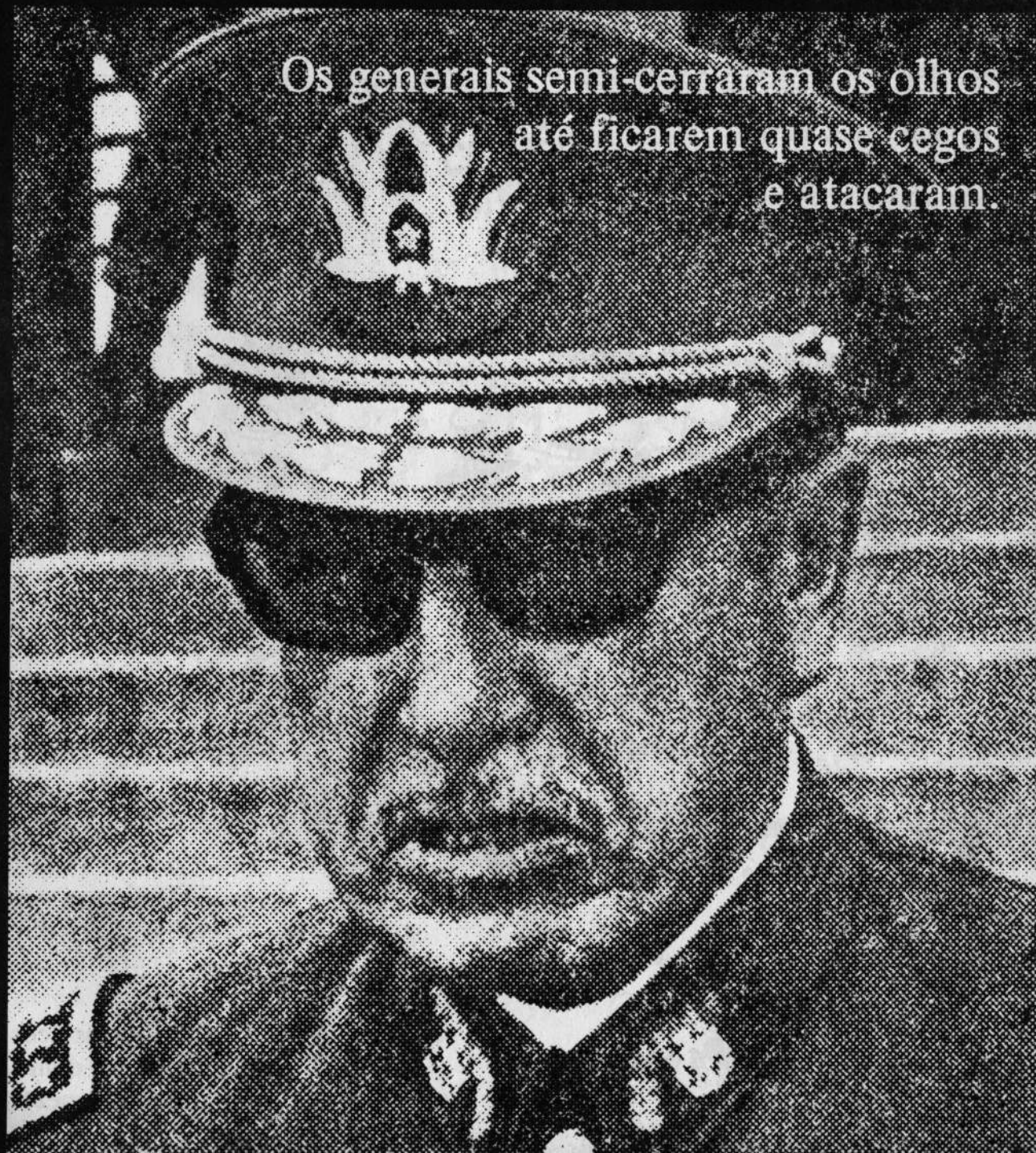
Mas o regime militar não admite desobediências.

Os que se negaram foram fuzilados.





Os generais semi-cerraram os olhos
até ficarem quase cegos
e atacaram.



O presidente ocupou a casa do governo,
os operários as fábricas,
os mineiros as minas,
os estudantes as universidades:
e lutaram como puderam;
muitos nem armas tinham...

...
Eram a maioria,
mas foram derrotados,
foram perseguidos, presos, torturados,
fuzilados fuzilados fuzilados.

Então, os trabalhadores perceberam
tudo o que lhes faltava compreender,
sobre a sociedade dos patrões.
... E nunca mais o esqueceriam.

**E foi assim que os ricos
voltaram a ser donos
das riquezas**



VIVA
CHILEOU
LIVRE !!

LEIS

Tabare

Assim os ricos
voltaram a ser donos das riquezas,
das terras e das máquinas.
Os camponeses voltaram a «sobreviver»,
os operários voltaram a trabalhar por 10 e a receber por 5.
Nas escolas voltaram a ser proibidos muitos livros.
Nos cinemas os filmes.
Nas ruas as manifestações, os jornais livres.
Muitas fábricas, rádios, jornais, canais de televisão,
mudaram de mão e de nome.
Agora o canal «dos trabalhadores» chama-se «Banha da Cobra»
e a fábrica de sapatilhas «Frangueiro» chama-se «Johny Feet».

**Perante a crueldade
dos patrões
começou a resistência
dos trabalhadores.**



O país caminha
melhor com

Johnny Feet

666

Em toda a parte puseram cartazes que dizem:
«Procura-se Beltrano, procura-se Cicrano»
(Mas Beltrano e Cicrano não eram criminosos.)
E que dizem:

«Proibido cantar, ler, pensar»

«Proibido o cabelo comprido e a saia curta»

«Proibido andar por aí a dizer a palavra companheiro»

«Superproibido fazer-se de esperto e pisar o risco»

«Proibido mexer-se», «Proibido ficar quieto»

«Todos os que forem surpreendidos a fazer de espertos serão fuzilados»

«Denuncia o teu vizinho porque senão...».

**Puseram cartazes
que diziam...**

a minha machadinha - 2
CENTELHA

